

— Nan, nan, não! fica para outra vez. É hora de pôr-me ao fresco! e gritando à toda: — Flor, toca a vestir! Vicente, vai buscar os baús! Florzinha apareceu cercada das amigas.

— Estou pronta. É só pôr o chapéu e vestir a saia de montar.

— Pois anda com isso para chegarmos cedo.

A rapariga voltou pouco depois em traje de montar, de chapinho de feltro com pequeno véu azul flutuante, a longa saia de montar arrepanhada por uma das mãos enquanto com a outra brandia o chicotinho de camurça branca com castão e corrente de prata. O arriero tocou a carga de baús e foi seguindo na frente.

Foram rápidas as despedidas. Asclepiades apenas deu-lhe friamente a mão a beijar; D. Claudina, porém, abraçou-a com ternura e beijou-a repetidas vezes na face. Seguiram-se os abraços das amigas e os apertos de mãos dos homens. Ao chegar a vez de Alípio, preparou-se este para despejar-lhe dentro dos olhos um de seus olhares de mais prestígio; mas a moça não o fitou, aproveitando o instante para sorrir ao padrinho, que chegara por último, e, simulando um choro pândego, estava já de braços abertos para abraçá-la. Saíram todos para a calçada. Casimiro colocou uma cadeira junto ao cavalo de Florzinha; mas o capitão Galdino gritou:

— Não precisa essa história, seu Casimiro!

E, tomando o pé da rapariga na mão direita e segurando-lhe a cinta com a esquerda, guindou-a até a altura da sela, onde ela se sentou com um donaire de ave que pousa num ramo. D. Claudina foi introduzir-lhe o pé no estribo e aconchegar-lhe as dobras da ampla saia de flanela azul-marinho.

Já montado, o capitão Galdino ainda se voltou para Alípio e disse:

— Pois, meu caro doutor, lá o esperamos. A casa é pobre mas você não há de passar fome enquanto houver bode no chiqueiro.

Alípio agradeceu inclinando-se, e os dois cavaleiros partiram, a acenar para o grupo, que os acompanhou com a vista até desaparecerem na próxima esquina, levados pelo arranco impetuoso dos cavalos, sempre mais diligentes quando iam de volta para a fazenda.

CAPÍTULO VIII

FOI UMA SENSAÇÃO a princípio indistinta a experimentada por Alípio quando passou o primeiro dia sem ver Florzinha: alguma coisa dentro de si acusava como a impressão deixada por um contato que cessa. Mas essa impressão parecia mais física: talvez só os olhos

sentissem a falta da bonita figura desaparecida. Na região do sentimento a impressão era nula, porque apenas a cortejava por um capricho de galã desocupado, e os caprichos passam pela alma a voar: só as paixões têm garras que nela deixam o cunho duradouro e, por vezes, eterno. Malgrado seu, porém, a impressão da ausência persistia e até se intensava depois do terceiro dia da sua partida.

No nicho vazio da foragida imagem a carantonha do despeito, da vaidade burlada foi acentuando os seus contornos vesgos. Era um coração que fugia aos varais do seu carro de triunfos. E aquele que lhe parecera tão fácil de subjugar! De onde viria a sua resistência? Ocultaria instintos de sábia garridice aquela irreduzível esquivança que não lhe proporcionara jamais o ensejo de esgrimir à vontade as armas de sedução? Jamais conversara com ela a sós e à pequena distância nessa meia voz de confessionário, o único diapação que dá aos protestos de amor a unção convincente e dominadora. Confissões não se fazem em voz alta nem a uma mulher, nem a um padre, esteja embora deserto o salão ou o templo. O — amo-te — requer a afonia ciciante dos segredos, devendo a distância da boca ou ouvido ser tão curta que as palavras parecem suspiros articulados.

Com a linguagem dos olhos nada pudera dizer também: os olhos de Florzinha eram maus condutores de magnetismo amoroso ou, pior que isso, verdadeiros isoladores. E, lindos e brilhantes embora, quando os conseguia fitar, os olhos dela se tornavam baços e imóveis, inexpressivos como os olhos de vidro das bonecas.

Agora, que ela estava ausente, Alípio confessava humilhado a si mesmo ter laborado terreno sáfaro. A timidez, que o encantara a princípio, se metamorfoseara na reserva premeditada e teimosa que não pergunta e não comenta, que apenas responde — não, senhor — sim, senhor — não sei — e, quando mais instantaneamente provocada, contrai os lábios numa momiche de indiferença ou de enfado. A princípio a supôs possuída do receio dos ignorantes discretos, para os quais foi criado expressamente o conceito de que o silêncio é ouro; chegou mesmo a atribuir-lhe, além disso, uma crassa pobreza de inteligência; mas breve verificou a injustiça da suposição pelos lampejos de espírito e bom senso que a rapariga deixava escapar quando conversava com outras pessoas.

E tinha mesmo excelente estilo epistolar; vira-o num bilhete dela a Bilinha, que lhe mostrou justamente para rebater esse conceito externado na sua presença. Havia, pois, um propósito dela em burlar os esforços de Asclepiades para aproximá-los, havia um plano de resistência inflexível à vontade paterna.

Amaria a outro homem? Era a segunda vez que tal conjectura teimava em se mostrar em sua mente como um recife áspero, de

ordinário, afogado, mas sempre latente no preamar perene de seu amor próprio. Doeu-lhe aquilo um instante, mas a vaidade intumescceu-se de novo, fazendo flutuar mais suaves hipóteses no refluxo de seus pensamentos.

E a mais poderosa a surgir, a logo se impor pelas suas aparências de verdade, foi que a moça, orgulhosa também, e, naturalmente perspicaz, compreendera que não era realmente amada, e fugira em tempo de figurar numa comédia sem desfecho. — “Não tem nada de tola a matutinha!” — pensou Alípio quase sonoramente ao achar afinal a explicação satisfatória de toda essa série de coisas até então esparsas obscuramente em sua mente. Alípio era um cético, não por índole, mas por cálculo; na sua admiração pelos fortes, precocemente procurou tornar-se invulnerável às pieguices da vida. A história estava cheia de fatos: o sentimento é o grande inimigo da força. O sentimento — doutrinava ele certa manhã ao Matias, deitado em trajes menores numa pedra, à beira do rio, antes de entrar para o banho — é por sua natureza plástico, movediço, variável: sobre ele não há fazer destas grandes construções humanas que se impõem ao respeito da sociedade. O ser tem três pavimentos — cabeça, coração e carne. — A arte de ser forte consiste em tornar interdito o pavimento médio e transformar os seus habitantes — os sentimentos — em puras entidades cerebrais, como as idéias, as ambições, os raciocínios. O pavimento inferior é, por sua natureza, o mais exposto às influências da baixa camada da vida, camada que é feita de animalidade. Vocês, sentimentais, não se governam absolutamente pela cabeça: fazem da poesia e do instinto um misto a que dão o nome de amor, com exclusão da pura função genésica, sem ilusão, sem compaixão, sem responsabilidade moral. Nós outros, os cerebrais, damos ao coração a mínima importância possível, e repelimos toda a identificação dele com o instinto que governamos à vontade como animais inteligentes que somos. Napoleão, com ser um general de gênio, nunca deixou de ser um homem, mas nem por isso mulher alguma conseguiu atrapalhar a sua carreira, como aconteceu com Marco Antônio.

— Então — clamava Matias — a mulher é um instrumento de prazer.

— Não, é um animal como o homem: o nosso comércio é uma troca de sensações; nenhum fica a dever nada um ao outro por isto. Se ela é fraca, nós não temos nada com isso; faça-se forte, torne-se nossa igual, mas não nos venha entibiar o ânimo com a sua pernicioso sentimentalidade.

Matias mostrava-se atordoado.

— Não te escandalizes, meu rapaz, isto é *blague* de um certo ponto em diante, disse por fim tranqüilizando-o.

Mais tarde em seu aposento refletia:

Essa menina pressentira-lhe fechada a porta do coração e recuara assustada diante da mão que se lhe estendia e que, pensaria ela, deveria manchá-la só com o gesto de tocar-lhe.

Chegando a esse ponto de sua representação ideal, ele teve quase materialmente a visão da cândida rapariga a fugir ruborizada de pejo e de indignação, lançando-lhe um olhar que lhe caía n'alma como uma saraiva de desdéns. E outra mulher surgia, caminhando para ele com um andar felino, a sorrir maliciosamente, a tressuar pecado de todas as linhas do corpo, a patentear um colo que se abria como um porto pérvio a todas as naves aventureiras do gozo.

Alípio reclinara-se na rede, a cismar, àquela hora de cálido silêncio, dominado pela paz aldeã que vinha de fora e invadira a casa deserta, onde um rumor qualquer deveria ressoar cavamente como entre as paredes de uma gruta. Um galo cantou no quintal depois de bater com estrépito as asas. E, num sobressalto, ele julgou ouvir um rufo de tambor e um toque inopinado de trompa. A imaginação retomava o seu curso, desembaraçada por alguns instantes da bruma incipiente do sono.

Não queria mais pensar em Florzinha. Para que insistir nesse namoro sem conseqüência? Amanhã iria embora, e não valia a pena despertar debalde esse coraçãozinho que, talvez, dormisse ainda. Demais, a amizade da família dela com o tio padre, a alcovitice impertinente do coletor, os comentários de terra pequena... É verdade que a esquivança dela, estudada ou não, picara-lhe o amor próprio, despertando-lhe o desejo perverso de "quebrar-lhe a proa-zinha" e mandá-la passear depois. Tolinha! era tão velho esse ingênuo estratagema de fugir para ser seguida. Deixá-la fugir e ter o desapontamento de não ver ninguém atrás de si quando se voltasse para ver o efeito de sua manobra. Ou talvez fosse ciúme?...

Sem querer, continuava a pensar em Florzinha, e novamente caminhando para o sono sob a ação daquele meio-dia que esbraseava tudo lá fora. Envolvia a casa um silêncio cavo e misterioso de sítio solitário. Zunia constante o vento nas venezianas, fazendo palpitar as franjas da rede e passando-lhe pelo rosto como uma carícia tépida. Ele pensava ainda, adormecendo. Tinha curiosidade de saber o que se passava ao certo no íntimo dessa rapariga, até para chegar à evidência de não ser amado. Mas o mistério que palpita no mesquinho cofre de um peito de mulher é às vezes tão impenetrável como os grandes mistérios do infinito e da morte

Uma lufada bateu com força a janela do oitão, e Alípio voltou a si violentamente dessa sonharia que não tardaria já a diluir-se na treva mental do sono. Varrendo então todas as sombras que esfumavam a sua vontade de homem positivo e cético, ele fixou claramente os pontos de sua situação: não amo a essa rapariga, nem me proponho gozá-la. Para prolongar o entretenimento incompleto de um namoro excessivamente romântico teria que sacrificar a outra, e, diversão por diversão, preferia esta, que não pedia nada e podia conceder tudo. Portanto, era aproveitar duplamente essa ausência para cortar de uma vez as asas às pretensões de Asclepiades e fazer descer Bilinha do platonismo literário, onde ainda parecia querer manter-se, a despeito dos avanços irreverentes que todas as noites lhe fazia junto à mesa do víspera.

Florzinha que passasse muito bem por lá e arranjasse algum brutamontes de filho de fazendeiro a quem oferecer o seu coraçãozinho inconsciente e o seu corpozinho de leite e rosa. Por ora não estava disposto a entrar para o rol dos homens sérios e dos proletários. Pai de família ele. . . Tinha graça! Se esse pobre Asclepiades pudesse avaliar a distância que ia do futuro que lhe oferecia ao futuro sonhado pelo genro em perspectiva, cairia fulminado de puro assombro. E o tio como que colaborava nessa extravagância. . . Súcía de simplórios!¹⁸

Ora, vamos lá à senhora Bilinha! que é cá pessoa com quem a gente se pode divertir um pouco neste vale de lágrimas! pensou o bacharel, enfiando o paletó e saindo para a casa da professora, a fim de filar-lhe o café, enquanto a meninada ia para o quintal gozar a trégua de meia-hora de recreio.

O víspera recomeçara logo no dia seguinte ao do regresso de Bilinha, a despeito da sua repugnância e do seu receio por essa diversão insulsa e burguesa. E com o jogo recomeçaram as cenas de baixo namoro que ela já se estava fatigando de evitar, e cada dia se distanciavam mais do ideal distinto e anódino do *flirt*, — flor própria somente para desabrochar no ambiente de um salão onde se cultivam requintes de gentileza e de luxo. Ali, naquela sala ladrilhada, iluminada a querosene, na companhia de uma mãe comprometedora, do Venâncio e da Benvinda, todos curvados absortamente sobre os velhos cartões tresandando a espelunca, só podia medrar o instinto grosseiro desse rapaz que aprofundara a sua depravação no meio da própria sociedade que lhe polira o exterior.

¹⁸ Ao longo deste romance de Sales, como dos outros ficcionistas da sua época, os termos e expressões lusos eram usança comum. *Súcía* é um desses termos.

Entretanto Bilinha não desarmava um instante a sua vigilância e defendia-se com a energia possível, fugindo às ocasiões perigosas, colocando-se afastada dele no víspera, sempre que podia fazê-lo sem dar nas vistas. O inimigo espreitava, porém, todos os ensejos, aproveitava-se de qualquer vantagem, prevalecia-se do menor descuido da adversária para maculá-la, inutilizando-a para a comédia galante que ela queria representar, copiando inverossímeis idílios de literatura para moças. Era para ela um grande alívio quando a figura detestada do Chico Herculano tomava parte no jogo, o que fazia uma vez por outra, depois que Bilinha voltara à casa. E melhor ainda era quando ele não jogava e se deixava ficar a um lado, pregado à cadeira, sem dar palavra, numa quietação vidente de sentinela. A Benvinda implicava fortemente com o “cacete”, cuja presença embaraçava a todos e fazia o jogo acabar mais cedo. Ao sentir-lhe os passos, ela fazia caretas e cruces, e o Venâncio, com um ar sorna de tédio, murmurava: — “Lá vem o esfria atrapalhar-nos o capítulo.”

Certa noite não apareceu nenhum dos parceiros à hora do costume. A mesa estava nua da colcha e não exhibia a pilha de cartões: não se jogava, porque a velha estava com a sua enxaqueca. Alípio chegou às sete e tanto, apertou a mão de Bilinha com a força e lentidão com que o fazia sempre, e arrastou familiarmente uma cadeira para junto dela.

— Não temos função hoje, pelo que vejo.

— Não; os vizinhos foram dar um passeio e minha mãe está incomodada.

— Coisa de cuidado?

— Não, enxaqueca.

— Então falemos baixo.

— O quarto é afastado, pode falar naturalmente.

— E se eu quiser falar baixo?

— A que vem essa vontade de falar em surdina?

— É que lhe quero falar seriamente.

— Pois as coisas sérias devem justamente ser ditas em voz alta.

— Bom, aí vem a ironia. Por que hão de as nossas conversações ter sempre este sabor acre de rezinga?

— É o senhor quem lhes dá esse travo. Eu apenas sustento a nota.

— Vamos fazer as pazes. Dê-me a sua mão.

— Para quê? Já o fiz quando o senhor entrou.

— Deixe de pilhéria! Se aceita as pazes, retire o *senhor* e dê-me a sua mão de amiga.

— E esta! Acha então que devo tratá-lo por você?

— Que tem? É quando estivermos sozinhos.

— Tem muita coisa! Só posso dar-lhe um tratamento, qualquer que seja a ocasião.

A rapariga tinha uma inflexão de ressentimento na voz e nos olhos uma expressão de revolta e de mágoa. Meio inclinada para o lado da mesa, vestida de fustão branco, a cintura apertada por uma larga tira de couro preto, um laço de fita de veludo negro aberto sobre a cabeça como as duas asas de uma borboleta noturna, Bilinha tinha fechado sobre o indicador um livro, cuja leitura interrompera com a chegada de Alípio. Este se calara e passeava por ela os olhos pérfidos, perscrutando-lhe as linhas do corpo cujos contornos começavam a acusar-se do ângulo dos joelhos para cima. Aquele olhar irreverente parecia apalpá-la e queimá-la ao mesmo tempo num silêncio mais perturbador que os mais ousados galanteios.

— Sabes que está hoje irresistível? disse por fim Alípio com uma voz lenta e abafada.

— Acha? Eu estava longe de pensar tal. Gosta dos trajes brancos?

— Conforme o conteúdo...

— E se eu estivesse de amarelo?

— Você fica bem com vestidos de todas as cores e até mesmo sem cor alguma...

Bilinha só compreendeu um minuto depois, mas fez-se desentendida.

— O senhor propôs-me, logo que entrou, conversarmos seriamente e não o fez ainda. Vamos lá, falemos de coisas sérias, disse, mudando de tom para ver se a situação mudava também de aspecto. Que há sobre esse conflito que me fez tanto medo?

— O que há é que não sofri ainda coisa alguma desse homem terrível, e de você sofro todos os dias.

— Oh! senhor! Faz favor de mudar de corda? Está-se tornando monótono.

— Se não quer ouvir-me nesse tom posso retirar-me.

— Chi! vai zangar-se agora? Decididamente o estou estranhando hoje.

Uma chama brotara e alastrara-se no sangue de Alípio. Havia em sua fisionomia a concentração precursora de um bote. Bilinha tremia interiormente pressentindo a iminência de uma irrupção de franca hostilidade; os traiçoeiros assaltos feitos sob a viseira de um silêncio hipócrita iam acabar em combate sem rebuço, combate singular de vida e morte, sem contemporizações, sem esperança de outro auxílio que o seu pudor já enfraquecido nas refregas em que se batera, quase impossibilitado de uma defesa eficaz. Abandonara-a a calma precisa nesses transes, e ela levantou-se atarantada, sem

saber como desvencilhar-se desse homem que só fazia fitá-la, obstinado como uma serpe a acompanhar os voojos inúteis de uma ave fascinada.

— Vou mandar fazer café, disse, procurando aquele pretexto para fugir-lhe por alguns instantes.

Ficando só, Alípio ergueu-se também e foi de mansinho cerrar a janela. Depois sentou-se na cadeira que ela ocupara e que conservava ainda a tepidez do seu corpo e o aroma da essência do seu lenço.

Ao voltar, notando a janela fechada, ia abri-la, mas Alípio segurou-lhe a mão e disse num sussurro imperioso:

— Deixa.

Então puxou-a para si, arqueando o outro braço para cingir-lhe a cintura! Ela resistiu, subtraiu-se ao amplexo e foi de encontro à mesinha, que resvalou com estrondo, fazendo oscilar o candeeiro. Alípio soltou-a e suplicou-lhe que se sentasse. Não lhe faria mais violência alguma. E, curvando-se para ela, começou a falar-lhe baixinho com uma voz incisiva e hipnotizante, realçada pela compungida expressão do semblante. Que estava arrependidíssimo de ter acedido aos desejos do tio, vindo para aquela terra onde tudo se conspirava para contrariá-lo, para assassiná-lo de tédio. Se não fosse a convivência dela já teria rompido todas as conveniências e fugido àquela aldeia estúpida, onde lamentava vê-la desterrada, sem uma pessoa que a compreendesse e estimasse. Comprometia-se a colocá-la na Capital, pois cortava-lhe o coração esse exílio de uma rapariga de merecimento, que podia estar no verdadeiro meio para que nascesse. Eles precisavam consolar-se um ao outro, estimar-se, unir-se para suportar as asperezas da sorte comum. Julgava-o muito feliz, muito querido, não. Puro engano! Essa história da filha do Asclepiades não passava de uma mania desse idiota. Nunca tratara essa menina senão com uma trivial amabilidade de homem educado. Nem Florzinha tinha ilusões algumas a esse respeito. Era Bilinha a única pessoa cuja intimidade lhe dava prazer...

— Obrigada, — disse a rapariga, com uma tentativa gorada de ironia.

E a voz confidente abemolava-se, tornava-se mais penetrante, mais cariciosa, como o zumbido do inseto nos últimos voojos, quando as suas antenas já tocam a flor, cujo poder solicita no seu zunzum obsidente.

Bilinha tonteava ebriada, aturdida; a sua vontade enfraquecia gradativamente como o pulso de um agonizante. E quando a mão trêmula e apreensora de Alípio se insinuou entre as suas, crispadas sobre o regaço, estas se recusaram a obedecer ao pensamento de

repulsa que lhe passou pelo cérebro. Mas a força do hábito de manejar a miúdo a ironia ainda lhe permitiu dizer, sublinhando tortuosamente as palavras com um sorriso tremido:

— Admiro a sua eloquência, mesmo quando não acredito nas suas palavras.

— Pois ainda duvida? replicou o tentador com uma momice de exprobração e de súplica.

— Duvido, sim; não duvidar seria loucura.

A palavra se tornara agora supérflua; ele apenas a fitou longamente de alto a baixo, com um olhar que escorria por ela toda com a lubricidade de um jorro de óleo quente, fazendo-a acelerar o movimento do pé que, por um peculiar tique nervoso, costumava agitar, como pela necessidade de ouvir o ranger rítmico do calçado. A mão intrusa puxou para si a mão cativa, que estremeceu, surpreendida de sentir-se presa, inteiriçou-se, debateu-se, mas afinal imobilizou-se, foi-se tornando flexível e deixou-se levar até uns lábios quentes que lhe encheram a palma, recurvada em concha, de beijos ávidos e pipilantes. Mas o arrepio elétrico que lhe subia pelo braço e se propagava pelo corpo inteiro ameaçando-a de vertigem tornou-se insuportável e produziu a reação: a prisioneira revoltou-se num supremo esforço; um clarão de bom senso relampeou no cérebro da moça. Ela compreendeu que tal refém determinaria a perdição de tudo que a ele estava ligado, e libertou-o a viva força. Cruzou os braços, ficou imóvel, sem alento para erguer-se e fugir, estupefata de sua fraqueza e consciente do perigo que a envolvia como um incêndio comunicado no seu próprio sangue.

O tentador espreitava-a numa derradeira hesitação em que a sua força se acumulava à custa do esmorecimento progressivo da adversária. Lentamente, certo de não encontrar resistência, passou-lhe um braço pela nuca, segurou-lhe o queixo com a mão, beijou-lhe o cabelo, beijou-lhe a testa, beijou-lhe a boca, enquanto com o outro braço prendia os dela, caídos ao longo do corpo palpitante e pregado, sem vontade, à cadeira. Por fim, a posição forçada obrigou o rapaz a endireitar-se, mas sem retirar o braço que a submetia como um jugo irresistível. Houve a pausa que precede às catástrofes... Mas ele estremeceu e largou-a.

Alguém falou fora e bateu com os nós dos dedos na janela cerrada; esta se abriu, deixando ver a Benvinda e o marido, de volta do seu passeio. Alípio, que se pusera de pé, voltou-se, e Bilinha, com um gesto estremunhado de quem acorda e com um ricto semelhante à caricatura de um sorriso, respondeu às boas-noites dos vizinhos. Então já estavam de volta? Não queriam entrar um pouco?

— Não, obrigada, vamos descansar em casa. Como vai D. Maria Lina?

— Melhor, está mais quieta agora.

— Bom, então boa-noite. Ih! lá vem o “cacete”, exclamou, lobrigando o Chico Herculano, e afastou-se acompanhada maquinalmente pelo marido, que parecia estar sempre preso às suas saias por um invisível cabo de reboque.

Chico Herculano parou também à janela, irresoluto, não sabendo se devia entrar. Mas Bilinha foi rapidamente abrir a meia porta, receosa agora de ficar de novo a sós com Alípio, que se sentara a folhear tranqüilamente o livro encontrado sobre a mesa. Os parceiros do víspera haviam faltado todos, explicava a rapariga, e sua mãe acabava de recolher-se incomodada.

— E eu ia agora mesmo à sua procura para marcarmos um encontro no cartório amanhã, disse o bacharel, mentindo também.

— A que hora?

— Ao meio-dia, não?

— Pois sim.

Chico Herculano não esperava encontrar ali o promotor, que saíra a cavalo à tarde para pagar visita ao Gomes da Costa. Voltara do caminho, explicou Alípio, por ter encontrado o juiz substituto um pouco além do Açude, e viera em companhia dele.

— É verdade, amanhã é dia de ele estar na cidade.

As três criaturas ficaram um pedaço de tempo num embaraço penoso que ninguém se atrevia a romper. Bilinha, como dona da casa e como devedora do socorro que lhe prestara o recém-chegado, cumpria dirigir-se a ele, embora vencendo com esforço a repugnância que lhe tomara depois da cena da janela. O homem andava corrido de despeito e de vergonha, esta mesclada de um arrependimento intermitente, em cujos hiatos a sensualidade sofreada projetava novos e mais impetuosos ataques. E por cima de tudo pairava a poeira cáustica do ciúme, que o mordía, que o cegava, que o sufocava em acessos de cólera, forte como se sentia para vingar-se do par culposo, reeditando, sob uma forma moderna e burguesa, a cena do Paraíso Perdido.

Mas Bilinha falou-lhe naturalmente, amistosamente, como se nada houvesse acontecido, e como era de perdão que mais carecia naquele momento a sua alma ingênua, sentiu-se logo à vontade, e, por sua vez, mostrou-se despreocupada e cordial.

Alípio é que não lhe perdoava a sua insólita e impertinente aparição, e, para mostrar a sua desdenhosa superioridade, continuou a virar sem ler as folhas do livro, arrependido já do que tinha dito para salvar a responsabilidade da professora. A suspeita de ser es-

pionado por um rival desastrado e ridículo confirmava-se agora plenamente, e vinha-lhe um desejo violento de afrontar sem reboço o filaiucioso dono da terra, de escorraçá-lo dali, de dar-lhe a entender claramente as suas pretensões àquela mulher, de arrebatá-lhe sobranceiramente a presa cobiçada por ambos.

Bilinha compreendeu o alcance da sua melindrosa situação e continuava a sorrir heroicamente entre as duas moles que se precipitavam para entrechocar-se, sem se lembrar que a esmagavam no encontro.

Muito de indústria viera o Chico Herculano naquela noite, em que supunha o promotor ausente, tratar primeiro de uma reconciliação tácita, pois era pouco diplomata para negociar claramente as pazes, e, depois, levar por um caminho mais viável os seus intentos, exasperados pelo primeiro insucesso. Mas ali encontrara o pracião a sós com ela, ambos enfiados com a sua presença, cada qual inventando uma justificação, escusada se não se houvesse passado alguma coisa injustificável. Em que ponto estariam as suas relações? Seria Bilinha tão ríspida para o bacharel como tinha sido para ele? Ou, ao contrário, teria condescendências que não lhe era dado gozar à falta dos predicados possuídos pelo outro? Ela sabia que esse rapaz era quase noivo, que estava ali por pouco tempo, que podia mesmo, independente de vontade própria, ser obrigado a retirar-se mais cedo ainda do que pretendia... Não; a professora não era uma criança para não pensar nessas coisas e comprometer a sua carreira cometendo a loucura de entregar-se ingenuamente a esse rapaz, que talvez nunca mais visse. Esperaria, daria tempo ao tempo, trataria de afastá-los pouco a pouco por meio de sugestões indiretas, faria talvez o vigário intervir com seus conselhos, cooperaria para o êxito das pretensões do Asclepiades, redobraria a sua obsequiosidade para com a professora, e afinal havia de chegar o seu dia. Gostava da guerra de assédio, para a qual tinha a paciência e a tenacidade precisas.

Ao cabo dos dez minutos que Chico Herculano levou a traçar o seu plano e durante os quais Bilinha falara ininterruptamente para enxotar o silêncio que teimava reinar na sala e viria pôr em evidência todos os embaraços da situação, Alípio resolvera obrigar o intruso a fugir ou pelo menos proporcionar-lhe uma estopada formidável, humilhando ao mesmo tempo a sua ignorância na presença da dona da casa. E indicando a esta o livro — um romance de Bourget, começou uma preleção de literatura francesa, analisando cada escritor contemporâneo em seu estilo, em seus processos, em suas predileções, empregando de propósito termos técnicos para tornar a palestra mais inacessível ao desgraçado ouvinte.

Bilha compreendeu o jogo e teve que tomar parte nele, achando a idéia divertida mas temendo que o mistificado percebesse o ridículo papel que lhe distribuía. Mas Alípio falava com uma gravidade perfeita da psicologia penetrante de Bourget, um anatomista do sentimento alheio, porém sem sentimento ele próprio, sem uma larga vibração humana, sem a emoção de um Daudet, por exemplo, que, além do mais, tinha ironia e graça. . . Aí estava *Safo*, aí estava *Tartarin*. . . Zola, grandioso, épico, mas brutal às vezes e sempre fatigante. . . Mas nada como a impassibilidade aparente de Maupassant, entretanto todo nervos, toda sensação e força. . . Loti, pintoresco e delicado, personalíssimo, tirando do seu eu todo um mundo de ficções, embelecendo a observação com uns admiráveis toques de fantasia. . . E Marcel Prevost, com as suas picantes indiscrições de criada de quarto. . .

Bilha, já seriamente interessada, aparteava, concordava, entusiasmava-se. . . O Chico Herculano, vencido, entalado, numa mudez imperturbável, suave de puro assombro, sem compreender coisa alguma da sábia algaravia dos dois pracionos, como se o houvessem transportado subitamente para o meio de gente estrangeira, com a qual não era possível entender-se.

Alípio exultava perfidamente com o seu embaraço e, para ridicularizá-lo mais, começou a extravar, a falar em estilo *bestialógico*, arranjando frases disparatadas, enunciando conceitos incongruentes, citando jurisconsultos como poetas, perfumistas como dramaturgos, droguistas como escritores e, finalmente, dando um alfaiate francês do Recife como o mais fino estilista da França contemporânea.

Mal podendo conter o riso, Bilha dirigiu a Alípio olhares repressivos.

— Thiers, o estupendo poeta da *Legenda dos séculos*. . .

— Parece que minha mãe chamou-me — disse a professora, levantando-se e penetrando para o interior da casa, sacudida por um frouxo de riso que a sufocava e indo cair numa rede armada na sala de jantar, de onde só voltou depois de ter passado a crise de hilaridade.

E ao voltar fez-se em seus nervos uma reação de mal-estar, mesmo de mau humor. Uma fadiga nervosa apossou-se repentinamente dela, e a presença dos dois homens tornava-se a cada instante mais insuportável. Ansiava por ver-se só, por despedir-se e deitar-se, por mover-se e pensar livremente.

Tacitamente compreenderam ambos que deviam partir, e num mesmo movimento se levantaram para tomar os chapéus. E, ao chegar à rua, eles trocaram um inexpressivo boa-noite, tocaram-se

indiferentemente as mãos e seguiu cada um para o seu lado, convencidos de estar disputando a mesma presa e jurando que não a cederiam, quaisquer que fossem os meios de conseguir a vitória.

CAPÍTULO IX

ALGUNS DIAS DEPOIS da noite em que fora tão cruelmente mistificado em casa de Bilinha, Chico Herculano apareceu certa manhã em casa do vigário. Este acabava de chegar da missa e de tomar café às pressas para ir ouvir de confissão a uma ovelha moribunda. Queria falar com Alípio? Entrasse para o quarto dele. E até logo, que não podia demorar-se.

O promotor estava sentado na rede, em pijama, a ler e a fumar. Não se ergueu, apenas fechou o livro e fez o visitante aproximar uma cadeira.

— Que temos de novo?

— Quase nada. Está pronta a denúncia?

— Ainda não. Estou esperando que venha um pouco de ânimo para afrontar essa horrível papelada. Também creio que não há pressa. . .

— Não, é bom liquidar isso porque espero novos acontecimentos para este dias. Fala-se num assalto à guarda da cadeia para soltar o Zé Pipoca. Não é a primeira vez que isto acontece. A guarda está embalada e com ordem de fazer fogo em quem se aproximar. E nós também devemos prevenir-nos. Não ande desarmado por lugares noturnos e fora de horas. Aquele miserável é capaz de tudo.

— Ora, não há de ser tanto assim.

— Aquele bandido? Já lhe disse que é capaz de tudo.

— Agradeço o seu aviso, mas não estou disposto a acabar com os meus passeios noturnos, que fazem parte essencial do meu regime higiênico.

— Bom, quem me avisa meu amigo é. Olhe que de uma emboscada ninguém se livra, e se o doutor for desfeitoado ninguém lhe tira as pancadas.

— Como quer que seja, não alterarei os meus hábitos, disse Alípio com intenção, e responsabilizo o João Ferreira perante o meu Smith-Wesson por tudo que me possa acontecer.

E apontou para um custoso revólver pendurado à parede.

— Está direito — respondeu Chico Herculano, olhando com indiferença para a arma. Depois entrou a fazer uma narrativa mi-